

Revista Brasileira de Agroecologia
Rev. Bras. de Agroecologia. 6(1) : 147-162 (2011)
ISSN: 1980-9735

Análise qualitativa das práticas de cooperação em uma associação agrícola de produtos orgânicos na percepção dos associados

Qualitative analysis of the cooperation practical in an association of agricultural organics producers in the perception of members

CORREIA, Ana Maria Magalhães Correia¹; SILVA, Armstrong Martins da²; LUCENA, André Duarte³; GOMES, Maria de Lourdes Barreto⁴; THIOLLENT, Michel Jean-Marie⁵

1 Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP), João Pessoa/PB - Brasil, aninhamagalhaes23@hotmail.com; 2 Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP), João Pessoa/PB - Brasil, armstrongmartins@hotmail.com; 3 Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP), João Pessoa/PB - Brasil, anduluce@yahoo.com.br; 4 Universidade Federal da Paraíba – UFPB, Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção (PPGEP), João Pessoa/PB - Brasil, marilu@ct.ufpb.br; 5 Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ/ Instituto Alberto Luiz Coimbra de Pós-graduação e Pesquisa de Engenharia (COPPE), Rio de Janeiro/RJ -Brasil, thiollent@pep.ufrj.br

RESUMO: As práticas de cooperação têm recebido cada vez mais atenção por parte daqueles que deixam de atuar de forma isolada e, em vez disso, se unem com o intuito de produzir resultados melhores para o bem-estar da coletividade, nos quais os aspectos econômicos, sociais, culturais e ambientais são condições necessárias para se alcançar estes resultados. Este artigo aborda as práticas de cooperação, na percepção dos associados em uma associação agrícola de produtos orgânicos. Os resultados deste estudo têm um caráter qualitativo e a metodologia aplicada foi fundamentada nas pesquisas descritiva e exploratória, cujo método usado foi um estudo de caso, através do qual foi possível levantar informações sobre o tema em questão. A conclusão indica que, o desempenho da associação agrícola é satisfatório, e que há o desenvolvimento de práticas de cooperação entre seus membros, que vão desde a cooperação na produção coletiva, até a construção de espaços de ajuda mútua, de trocas, compartilhamento de esforços, informações e recursos.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de cooperação, Associação agrícola, Produtos orgânicos.

ABSTRACT: The practices of cooperation have received increasing attention from those who fail to act in isolation, and instead, join in order to produce better results for the welfare of the community, in which the economic, social, cultural and environmental aspects are conditions necessary to achieve these results. This article shows the collaborative practices, in the perception of the producers of an association of organic agricultural. The results of this study has a qualitative character and the methodology applied was based on descriptive and exploratory researches, whose method used was a case study, in which was possible to get information about the subject focused. The conclusion indicates that the performance of the agricultural association is satisfactory, and which there is the development of collective production, based on the principles of cooperation among its members. Besides, there are the construction of spaces for mutual aid, exchange and sharing of efforts, information and resources.

KEY WORDS: Practices of cooperation; Agricultural association; Organics products.

Correspondências para: aninhamagalhaes23@hotmail.com

Aceito para publicação em 12/04/2011

Introdução

Num ambiente de recorrentes mudanças e de flutuações no mercado, intensifica-se a necessidade da reorganização dos fatores produtivos, de novos modos de organização do trabalho e a necessidade das pessoas atuarem de forma conjunta e associada. É nesse cenário que emergem novas formas de produção baseados na associação, na complementaridade, no compartilhamento, na troca, na colaboração e na ajuda mútua.

Lévy (1999) afirma que a riqueza das nações depende hoje da capacidade de pesquisa, de inovação, de aprendizado rápido e de cooperação ética entre suas populações. Ou seja, além da necessidade de desenvolvimento, surge uma necessidade de cooperação dos indivíduos através de suas inter-relações dinâmicas e variadas entre elementos internos e externos, presentes nos diferentes espaços de atividades humanas.

Sob esta ótica, a cooperação é uma forma de organização do trabalho existente e que pode ser encontrada em todos os contextos sociais. O termo cooperação tem o significado semântico do ato de cooperar, ou operar simultaneamente, trabalhar em comum, colaborar, sempre em oposição à perspectiva individualista, sinalizando um sentido de movimento coletivo (JESUS E TIRIBA, 2003).

A cooperação culmina nas atividades que substituem o progresso individual pelo bem-estar do coletivo total. O indivíduo atua assim para o grupo, prioriza o empreendimento coletivo sobre os interesses individuais, empenhando suas melhores qualidades, contribuindo nesta interação para seu próprio aperfeiçoamento. Acentua-se, por isto, que a cooperação importa em um ato social, que se exprime em interestimulação nos níveis mais elevados (MARIANI, 2006).

Lisboa (2001) afirma que a ação ou a organização coletiva não deve ser entendida apenas como um fenômeno natural, mas como uma construção social, na qual seus atores (produtores, trabalhadores e/ou moradores rurais)

estão ligados entre si por uma rede ou um sistema de relações sociais, que são permeadas pela cooperação, pelos conflitos e pelas contradições.

Neste quadro, encontra-se uma forma de organização do trabalho - baseada nas práticas de cooperação - voltadas às ações conscientes e combinadas entre seus membros com vista a um determinado fim, o qual vem apresentando um papel cada vez mais significativo na sociedade. Bergmüller et al. (2007) complementam que, a cooperação é definida como uma interação que gera um benefício para ambas as partes, a partir de um determinado ato cooperativo.

Diante disso, este artigo aborda as práticas de cooperação na percepção dos associados, em uma associação agrícola de produtos orgânicos, abrangendo questões relacionadas à participação e cooperação de seus membros em prol das soluções para os problemas comuns, diante de uma cultura participativa e de ações coletivas.

Logo, este artigo está constituído de três partes, além desta introdução e das considerações finais. A primeira trata da temática das práticas de cooperação, a segunda explora a questão da associação agrícola, e por fim, a última parte analisa qualitativamente as práticas de cooperação em uma associação de produtos orgânicos, na percepção dos associados, descrevendo os métodos e os procedimentos realizados.

Eixo temático do trabalho

Cooperação: definições e teorias

A cooperação e os processos cooperativos envolvem diferentes tipos de organização, equipes, ou outras entidades caracterizadas por sistemas sociais informais, que interagem coletivamente, estimulando ações que promovem interdependências, facilitando a transferência de conhecimentos, e, conseqüentemente, permitindo que os mecanismos sociais sejam mais eficazes

na obtenção de seus objetivos.

Sob essa perspectiva, se faz necessário compreender o que é cooperação. O termo cooperar deriva da palavra latina *cooperari*, formada por *cum* (com) e *operari* (trabalhar). Monteiro (2002) afirma que a cooperação é como um processo psicossocial na interação das pessoas ou grupos que se dispõem a cooperar, sob formas de ajuda mútua, trocas ou compartilhamento de esforços, informações ou recursos.

Cooperação na concepção de Bruni (2005) é a ação social articulada, alinhavada por objetivos comuns para solucionar problemas concretos que, por sua vez, é aqui entendida em dois sentidos (a) como ação-padrão, racionalmente construída à luz de um código e desenvolvida no interior de cooperativas por sujeitos inseridos numa certa divisão social do trabalho, os quais têm objetivos comuns e compartilham benefícios ou prejuízos de forma equitativa; e (b) como ação espontânea inerente a determinados grupos e derivada de suas tradições e costumes, pré-existente às instituições, fundamentada na reciprocidade adiada – a retribuição é feita quando for possível ou conveniente – ou instantânea – a retribuição é imediata.

A cooperação entre indivíduos é um requisito importante para a manutenção das relações sociais (ALENCAR, SIQUEIRA E YAMAMOTO, 2008) e sempre foi alvo de estudos científicos, pois está presente entre os humanos desde eras remotas. Nesse contexto, Craig (1993) apresenta algumas teorias existentes sobre a natureza da cooperação, as quais buscam explicá-la em função de fundamentos biológicos, comportamentais e cognitivos, conforme explicitada no Quadro 1.

Apesar de existirem várias teorias sobre a cooperação entre os indivíduos, é verdade que a cooperação não é unicausal. Vários fatores promovem motivações às atitudes e

comportamentos cooperativos e colaborativos. O fato é que, antes de considerar-se a cooperação no contexto organizacional, a cooperação entre indivíduos já era evidenciada de forma natural entre pessoas e grupos. Assim, a cooperação figura em interesses e necessidades que precisam ser definidas e discriminadas numa categorização capaz de promover a compreensão do processo de cooperação como um todo através do compartilhamento e colaboração entre os envolvidos.

Para Frantz, (2002, 2006), cooperação é a atuação consciente de unidades econômicas (pessoas naturais ou jurídicas) em direção a um fim comum pela qual as atividades dos participantes são coordenadas, através de negociações e acordo. Ou seja, a cooperação é um processo de ação recíproca social entre indivíduos, com objetivos em comum, onde as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos para todos.

Neste segmento, Gray e Wood definem cooperação e sua ocorrência da seguinte forma:

“Cooperação é um processo através do qual, diferentes partes, vendo diferentes aspectos de um problema podem, construtivamente explorar suas diferenças e, procurar limitadas visões. Colaboração ocorre quando um grupo de “autonomous stakeholders” com domínio de um problema, se envolvem em um processo interativo, usando divisão de papéis, normas e estruturas, para agir ou decidir questões relacionados ao problema” (GRAY E WOOD, 1991 p. 53)

Do ponto de vista de Costa e Ferreira, (2000) a cooperação é como uma estratégia concorrencial direcionada para conquistar e desenvolver mercados, aproveitando oportunidades, gerando sinergias e explorando complementaridades, sem,

Quadro 1: Teorias sobre a natureza da cooperação

TEORIAS SOBRE A NATUREZA DA COOPERAÇÃO	
TIPOS	DESCRIÇÃO
Teoria da Ajuda Mútua	<p>A teoria de ajuda mútua, primeiramente desenvolvida por Peter Kropotkin, é baseada na teoria da evolução de Darwin - que é a da perpetuação da espécie mais forte no mundo animal. Tentando explicar como elas se superaram, ele observou a ligação de suas capacidades de superação e sobrevivência com a cooperação mútua.</p> <p>De acordo com a teoria da ajuda mútua, a cooperação é baseada na premissa de que apenas os mais adequados sobrevivem, não individualmente, mas como uma espécie. No desenvolvimento da ajuda mútua, destacam-se os obstáculos que cada grupo pode superar, o máximo que eles podem desenvolver, e conquistar o que eram ameaças para a sua existência. A direção, baseando-se nessa teoria, conduz à sobrevivência e a ajuda mútua.</p>
Teoria sociobiológica	<p>A teoria é compatível com as teorias de Darwin e de Kropotkin, mas vai mais além. Seus postulados propõem que a ajuda mútua ou o altruísmo são resultados de similaridades genéticas entre membros de espécies humanas ou animais. Indivíduos proveem de ajuda mútua aos demais porque isso incrementa as chances de sobrevivência dos mesmos. Neste caso, a cooperação é básica para humanos e animais, não por razões culturais ou aprendidas, mas por razões biológicas. Essa teoria tem sido adotada rapidamente e inquestionavelmente pelos que pesquisam (ou buscam) o determinismo social.</p>
Teoria comportamental	<p>Esta teoria assume que muitos comportamentos em animais e humanos não são predeterminados, mas podem ser mudados por uma série de reforços. O comportamento é uma resposta a um estímulo do ambiente. Se a resposta resultar em efeitos positivos, uma forma particular de comportamento é encorajada e reforçada, e provavelmente terá continuidade.</p> <p>A Teoria comportamental pode explicar a cooperação da seguinte forma: pessoas aprendem através de tentativas e erros que, o que eles não podem fazer individualmente pode ser feito melhor trabalhando com outros. Quando indivíduos respondem a uma situação de cooperação e esse comportamento é reforçado positivamente, eles vão cooperar em situações similares futuras. Caso contrário, eles tenderão a evitá-las.</p>
Teoria da permuta	<p>Essa teoria também é uma teoria de aprendizagem. Mas a explicação de porquê as pessoas cooperam é diferente da explicação dos behavioristas. Mudanças sociais são vistas como processos humanos básicos, onde cada obrigação indeterminada resulta de ações sociais que ajudam o grupo inteiro. Entende-se que reciprocidades irão ocorrer, mas não se sabe quando nem de que forma os outros irão quitar tais obrigações. As permutas sociais de ajuda e de assistência, deste modo, depende da confiança e, no processo, ajuda a construir confiança entre o grupo e entre grupos. Desde que uma atmosfera de confiança e permutas sociais exista, a cooperação terá lugar entre indivíduos ou grupos. Pois uma ação de cooperação irá ajudar outros tão bem como o promotor da mesma, um padrão de cooperação comportamental será desenvolvido e continuará constantemente.</p> <p>É, primeiramente, o processo em e entre grupos que determina a extensão de suas atividades cooperativas.</p>

Teoria funcional	A teoria do funcionalismo sugere os recursos de comportamento cooperativo e repousa nas necessidades percebidas dos indivíduos e seus grupos. Se as necessidades percebidas de um grupo não estão sendo percebidas, serão feitas tentativas de retificação da situação. Se uma ação individual se mostra inadequada, o grupo pode retornar a cooperação de forma que satisfaçam essas necessidades. Similarmente, atividades cooperativas não vão ocorrer se estas falharem a atenderem necessidades individuais e grupais, ou se já encontraram em outros caminhos (ou de outras formas). Tais perspectivas teóricas tentam identificar as origens da cooperação entre as pessoas. Ela sugere que a cooperação ocorre sob determinadas condições e falha (ou fracassa) sob outras.
-------------------------	---

Fonte: Craig (1993).

contudo, perder a autonomia e a originalidade, ou seja, independência jurídica e econômica.

De acordo com Piaget (1973), cooperação é um método construído na reciprocidade entre os indivíduos e ocorre pela descentração intelectual, havendo a construção não apenas de normas morais, mas também racionais, tendo a razão como produto coletivo. Segundo o autor supracitado, para que exista a cooperação se faz necessário que existam a reciprocidade e o respeito mútuo.

Montangero e Maurice-Naville (1998), afirmam que o conceito de cooperação de Piaget funda-se na equidade, como uma forma ideal de relações entre indivíduos; implica o respeito mútuo, o princípio de reciprocidade e a liberdade ou a autonomia de pessoas em interação. A cooperação é uma forma de equilíbrio, na qual o todo e as partes conservam-se mutuamente. É ideal no sentido de limite para cuja direção tendem as relações humanas livres de toda pressão exterior. Para Galego (2006),

“a cooperação conduz à solidariedade, à autonomia e à idéia de justiça; no plano intelectual, permite o acesso à lógica. O indivíduo atinge a construção de normas por um ajustamento das interações”.

Em contrapartida, Thiollent (2008) afirma que os atores que se dispõem a cooperar podem fazê-

lo por interesse (conciliação de interesses para obter um resultado mutuamente vantajoso) ou por ideologia (empenho voluntário para uma causa, solidariedade, busca do bem comum, etc). Logo, a análise sociológica deve estar em condição de mostrar se a cooperação é baseada em interesses próprios, na vontade espontânea dos atores, ou se, ao contrário, existe indução ou manipulação por parte de alguns em detrimento aos outros.

Neste sentido, Bauman (2003) afirma que mesmo a cooperação sendo definida como um entendimento compartilhado por todos os seus membros, tal entendimento precederia qualquer acordo e desacordo (portanto, a própria interação), funcionando não como uma linha de chegada da união, mas como um ponto de partida. Ou seja, a cooperação embora faça parte de um processo de ação recíproca social entre indivíduos, com objetivos em comum, ainda assim é um processo que envolve pessoas com opiniões essencialmente diferentes, com a possibilidade de negociações difíceis com base em interesses e necessidades individuais que irão se opor aos objetivos do coletivo.

Sob essa lógica, mesmo que racionalmente desejem a maximização de seu bem-estar social, os indivíduos de um grupo não agem em prol de seu objetivo comum, a menos que haja alguma coerção que os force a tanto (MANCUR, 1965). Neste sentido, o autor traz ainda a ideia de que uma vez parte de um grupo, indivíduos agem

voluntariamente visando alcançar seus interesses comuns, assim como também o fazem em relação a seus interesses particulares.

De acordo com Piaget (1973), a cooperação caracteriza-se então, pela coordenação de pontos de vista diferentes, pelas operações de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, e pela existência de regras autônomas de condutas fundamentadas de respeito mútuo. Dessa forma, o equilíbrio atingido pelas trocas cooperativas toma forma de um sistema de operações recíprocas. Assim, para que haja uma cooperação real, são necessários as seguintes condições: existência de uma escala comum de valores, conservação dessa escala e reciprocidade na interação. Essas três condições de equilíbrio só acontecem em certos tipos de troca, ou seja, na cooperação.

Diante do exposto, é possível verificar que não há antagonismo entre interesses individuais e interesses coletivos, ao contrário, o que existe é que quase sempre ocorrem de maneira complementar. Entretanto, o objetivo deste trabalho, é mostrar que a cooperação, pode se sobrepor aos interesses, intenções e necessidades dos seus membros de forma individual, e refletir na construção da interação social, em que os objetivos sejam comuns, as ações sejam compartilhadas e os benefícios sejam distribuídos com mais equilíbrio para todos os associados, mesmo que tudo isso ocorra com moderadas restrições. É nesse contexto que, analisaremos de forma qualitativa as práticas de cooperação existentes numa associação agrícola de produtos orgânicos na percepção dos associados, objeto deste estudo.

Metodologia

Esse trabalho é de natureza descritiva e exploratória. A metodologia utilizada foi fundamentada a partir da pesquisa bibliográfica. A discussão principal foi baseada em um estudo de

caso, onde foram levantadas informações sobre o assunto em pauta dentro do contexto de uma associação agrícola de produtos orgânicos. Tais informações serviram de objeto de análise deste artigo.

O instrumento utilizado na coleta de dados foi um questionário, que após sua aplicação, seus dados foram categorizados, quantificados e agrupados de acordo com as seguintes dimensões: compartilhamento e colaboração entre os membros da associação, conflitos, relacionamentos interpessoais, liderança e equidade interorganizacional.

Foi utilizado como universo deste estudo os produtores associados que têm participado da feira de produtos orgânicos da associação em questão, totalizando 33 (trinta e três) pessoas, das quais, 30 (trinta) aceitaram participar da pesquisa. Os associados são provenientes de diferentes assentamentos distribuídos da seguinte forma: treze famílias (43%) do assentamento Padre Gino, doze famílias (40%) do assentamento Dona Helena, duas famílias (7%) do assentamento Rainha dos Anjos; e em cada um dos assentamentos João Pedro Teixeira, Dona Antônia e Ponta de Gramame, uma família (3,3%).

O modelo de escala adotado foi a "Escala de Likert" na qual os pesquisados responderam a cada quesito por intermédio de vários graus de concordância. O nível de concordância dos questionários em relação aos fatores investigados foi enumerado através de uma escala formada por cinco pontos equidistantes, sendo 1° e 2° pontos correspondentes à discordância ou insatisfação, o 3° correspondente à neutralidade ou indiferença, o que se pode considerar como um ponto imparcial ou negativo, e o 4° e 5° pontos correspondentes ao nível de concordância ou satisfação.

A escala adotada contribuiu para codificar as declarações, qualificadas e revertê-las, por intermédio da técnica de análise de conteúdo, em dados qualitativos para posteriormente, receberem

o tratamento estatístico adequado.

O questionário elaborado e aplicado possui 26 questões, distribuídas em 5 dimensões como mostra a Quadro 2.

Além do questionário, também houve a oportunidade por parte dos pesquisadores, participarem como ouvintes de assembléias ordinárias da associação, como também de entrevistar outros pesquisadores que realizaram anteriormente trabalhos de maior duração com a mesma associação. Também foram feitas observações in loco na feira de comercialização dos produtores quanto às práticas de venda.

Caracterização e contextualização da associação agrícola de produtos orgânicos

Contextualização da associação estudada

O consumo de produtos orgânicos tem crescido devido a vários fatores, dentre eles: a busca por mais qualidade de vida por parte dos consumidores, o crescimento da produção orgânica como alternativa de diferenciação de produtos no segmento de alimentos frescos, tanto pelos grandes produtores como por produtores de agricultura familiar, e a tendência de tomada de consciência ecológica relacionada à sustentabilidade.

No Brasil, a produção de orgânicos tem mostrado algumas características comuns em várias regiões, como por exemplo, o uso da mão-de-obra familiar, o associativismo dos pequenos produtores e o escoamento da produção através

de feiras específicas de produtos orgânicos. Tacconi Neto (2006) afirma que, no mercado brasileiro de hortaliças orgânicas, a comercialização de grande parte dos produtores é realizada através da venda direta ou em feiras, que em geral, tem como clientes-consumidores, os mais informados sobre a qualidade do produto em questão.

Na Paraíba, não é diferente: os orgânicos tem seguido a tendência nacional de crescimento e grande parte da produção no Estado também é escoada através das feiras orgânicas organizadas pelos próprios produtores. As feiras no Estado da Paraíba estão em vários municípios, dentre eles: João Pessoa com 6 (seis) feiras, Campina Grande com 3 (três) feiras, Alhandra, Pedras de Fogo, Jacaraú, Alagoa Nova, Esperança, Lagoa Seca, Solânea, Remígio, Soledade, Aparecida e Cajazeiras, todas com 1 (uma) feira cada, segundo informações de técnicos que trabalham com produtos orgânicos no Estado.

Boa parte dessas feiras é promovida por pequenos agricultores familiares associados, que buscaram na produção orgânica, a diferenciação e agregação de valor aos seus produtos. O processo organizativo de boa parte dessas feiras é baseado em princípios de economia solidária e de práticas de cooperação, sobre os quais são construídas as estratégias da produção e comercialização coletiva dos produtos.

Nesse contexto, surgiu formalmente em novembro de 2001 a associação objeto desse

Quadro 2: Plano de dimensões utilizadas no questionário

Dimensão	Questões
Compartilhamento / colaboração entre os membros	Q1, Q3, Q4, Q5, Q6, Q7, Q8
Conflitos	Q2, Q9, Q15, Q16, Q21, Q22
Liderança	Q10, Q13, Q17
Relacionamentos inter-pessoais	Q11, Q12, Q14, Q23, Q24, Q25, Q26
Equidade interorganizacional	Q18, Q19, Q20

Fonte: Elaboração dos autores

estudo de caso, sendo uma das primeiras experiências com produtos orgânicos nesses moldes no Estado da Paraíba. A identificação da associação nesse trabalho foi omitida a pedido da mesma.

Breve histórico da associação

Desde 1997, um grupo de camponeses assentados passou a buscar alternativas para as perdas provenientes da venda de seus produtos a atravessadores nos assentamentos rurais. Esse grupo, obteve apoio da Comissão Pastoral da Terra, da Igreja Católica Romana do Estado da Paraíba e de técnicos agrícolas vinculados ao gabinete de um deputado estadual, passando a discutir em reuniões mensais, problemas sobre a organização, produção e comercialização de seus produtos.

Por volta do fim do ano 2000 e início de 2001, com o objetivo de viabilizar a comercialização direta da produção oriunda dos assentamentos rurais da várzea do Paraíba, foi planejado o estabelecimento de um local para a venda dos produtos dos assentamentos daquela região, na feira livre do município de Sapé-PB, devido à sua centralidade. Buscou-se apoio da prefeitura daquele município, mas esta se negou a apoiar a iniciativa. Além disso, o fato provocou tensão entre os novos e os antigos comerciantes.

Nesse mesmo período, um técnico agropecuário que havia realizado uma visita de intercâmbio ao município de Santa Maria - RS e teve a oportunidade de conhecer uma feira de produtos orgânicos naquele município, contagiou o grupo com entusiasmo. Além da vivência, o técnico trouxe consigo uma cópia do regimento interno da associação visitada e suas impressões, que foram colocadas em discussão com os assentados paraibanos para a possível replicação da experiência no contexto local.

Então, no início do ano de 2001, aqueles camponeses buscaram oficinas de comercialização

para incorporar alguns princípios de economia solidária, abandonando o uso de qualquer tipo de agrotóxico no processo de produção, e assim, decidiram aumentar a produção de hortaliças e de outros tipos de produtos como mel, ervas medicinais e frutas. Nesse momento a produção de produtos orgânicos começou a fazer parte da vida desses agricultores. Desde 2002 então, semanalmente, a associação instala sua feira numa área do município de João Pessoa.

Perfil da associação

A associação estudada é definida em seu regimento como um espaço de bancas de comércio de produtos primários e agroindustriais, oriundos das áreas de reforma agrária da região da várzea paraibana, constituindo-se como um espaço educativo integrador. Dessa forma, ela busca ser um meio de viabilizar de forma integrada e sinérgica a produção e o escoamento dos produtos dos associados através da promoção da feira de produtos orgânicos dessa associação, e da promoção de outras atividades como transporte, treinamentos, entre outros.

A associação é composta por agricultores e agricultoras que trabalham com três princípios básicos: a produção proveniente de assentamentos da reforma agrária, venda direta ao consumidor e produtos orgânicos. Contabiliza-se, atualmente 33 associados ativos, sendo 21 (vinte e um) (63,6%) do sexo masculino e 12 (doze) (36,4%) do sexo feminino, em sua maioria adultos, com uma média em torno de 41,5 anos de idade.

Apesar de, na maioria dos casos, apenas um membro da família ser associado, os demais componentes do núcleo familiar participam das assembleias ativamente, opinando e interagindo com o grupo, pois a feira promovida pela associação é uma das principais fontes de renda e de atividade das famílias envolvidas.

A maioria das famílias (73%) declarou ter como principal fonte de renda, a comercialização de

seus produtos através da feira de produtos orgânicos promovida pela associação, ou seja, a maioria dos agricultores dependem financeiramente desse empreendimento. Os outros (27%) das famílias possui um pensionista ou aposentado, sendo que dessas, duas famílias recebem por motivo de doença de um dos membros da família, sendo essa a principal fonte de renda familiar. Além disso, todas as famílias que têm crianças na idade respectiva (47%) recebem o benefício da bolsa família do Governo Federal.

Vale salientar que existem laços familiares entre boa parte dos associados, apresentando como participantes casais, irmãos, pais e filhos de uma mesma família, e pais e filhos representando núcleos familiares diferentes quando estes últimos já são chefes de suas próprias famílias.

Quanto às habilidades dos agricultores, a grande maioria nunca teve outra atividade senão a própria agricultura. Mas os poucos que tiveram outras ocupações, atuaram como motorista, pedreiro, cortador de cana e funcionário das usinas que circundam as áreas dos assentamentos. Isso porque, a maioria dos associados é proveniente de áreas que circundam os assentamentos dos quais fazem parte.

Aspectos organizacionais e funcionais da associação

Além da ajuda inicial de diversas instituições, a associação recebe auxílio técnico de várias entidades. Apesar desses apoios e influências, a associação apresenta-se com certa autonomia ao ponto de não depender dessas organizações para desenvolver suas atividades e tomar suas próprias decisões. Além disso, mesmo recebendo de bom grado o apoio de tais instituições, a associação não permite que elas venham a intervir sobrepondo-se, seja em relação à produção como em relação à comercialização.

A estrutura organizacional formal da associação é composta pela coordenação executiva, coordenação ampliada e pela assembleia dos

associados, sendo esta última a representação máxima da entidade composta por todos os associados.

A associação conta também com uma comissão de ética, composta por cinco associados, que se responsabiliza por controlar a pontualidade dos participantes; fiscalizar o tipo e apresentação dos produtos; definir a disposição das barracas no local da feira e toda a organização do local; zelar pela higiene, manutenção da limpeza local, materiais e processos utilizados para embalagens, demais etapas relacionadas ao processo de comercialização; zelar pelos princípios das normas estabelecidas e respeito interpessoal.

A assembleia, sendo o órgão máximo da associação, se reúne periodicamente em dois momentos regulares: mensalmente, na primeira semana do mês e semanalmente, ao final de cada feira. Em suas sessões, são discutidos pontos, propostas e tomadas de decisões. Nesse âmbito, os conflitos de ordem organizacional são alvos de soluções. Conflitos interpessoais e de outras ordens, enquanto não atingirem as atividades da associação, continuam sendo tratados como interpessoais. No segundo caso, a comissão de ética intervem e, se necessário leva a questão à assembleia.

Quanto às finanças, a associação recebe uma percentagem de cada associado de acordo com sua declaração de arrecadação semanal. Apesar disso, cada feirante é responsável por produzir e vender seus produtos, tendo total autonomia, independência e individualidade em relação aos valores arrecadados pela venda de seus produtos, não passando tais valores em momento algum pela associação. Assim, a associação só recebe a percentagem para manter-se e quitar seus débitos relacionados às suas atividades.

Os preços dos produtos são padronizados em toda a feira, não sendo permitida a alteração desses valores sem autorização prévia da

comissão de ética. Quando isso acontece é de forma generalizada, alterando o preço para toda a feira em relação ao produto específico, como forma de promover justiça entre os feirantes, evitando assim possíveis conflitos. Um aspecto curioso da associação é que os preços dos produtos, geralmente, estão abaixo dos valores dos produtos da agricultura convencional comercializados nos grandes supermercados da cidade, por um entendimento dos associados de que o valor colocado por eles é suficiente para si e justo para seus clientes.

Delineamento das práticas de cooperação na associação

A partir da metodologia apresentada, a associação expõe os seguintes resultados na percepção dos associados, referente ao delineamento das práticas de cooperação através das 5 dimensões utilizadas:

Compartilhamento/colaboração entre os membros:

A dimensão compartilhamento/colaboração entre os membros abordou questões relacionadas à percepção dos membros quanto à existência de colaboração, compartilhamento de conhecimentos, técnicas, máquinas, mão-de-obra, insumos, espaço físico. A maioria dos entrevistados concorda que os

itens dessa dimensão são uma realidade na associação, representados por (42,86%) dos participantes e (19,84%) concordam totalmente, conforme mostra o Gráfico 1:

Tal realidade pode ser justificada positivamente, demonstrando que cerca de (62%) dos entrevistados entende que há um ambiente de práticas de colaboração e cooperação entre eles. Além disso, o compartilhamento/colaboração pode ser verificado pela existência de um relacionamento que estimula o encontro entre as pessoas e a existência do espírito de equipe, propiciando assim a facilidade de acesso às informações, a existência de oportunidades de crescimento e a interação entre seus membros para um melhor desenvolvimento das atividades da associação.

Vale salientar que, esse resultado condiz com Frantz (2002, 2006), onde este afirma que a cooperação faz parte de um processo de ação recíproca social entre indivíduos, com objetivos em comum, onde as ações são compartilhadas e os benefícios são distribuídos para todos, representando dessa forma, o compartilhamento/colaboração entre os membros da associação, como também, intercâmbio de idéias e experiências, melhor organização do trabalho, dentre outros, têm sido acreditados e bem valorizados na associação estudada.

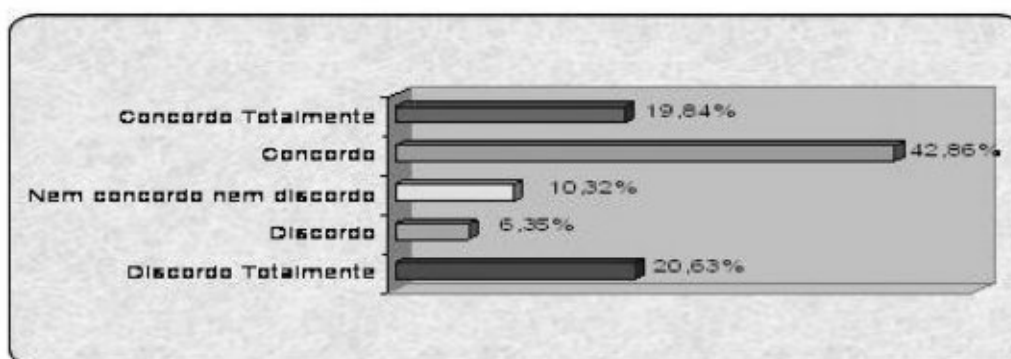


Gráfico 01: Distribuição percentual quanto ao compartilhamento/colaboração

Fonte: Pesquisa direta na associação (2009)

Análise qualitativa das

Conflitos:

A dimensão conflitos tratou de temas relacionados à competição, desconfiança e existência de facções egoístas na associação. A maioria dos entrevistados (43,52%) discordam totalmente e (10,19%) discordam quanto à existência de conflitos destacando a descrença na existência de competição grupal e na existência de facções dentro da associação conforme Gráfico 2, ou seja, segundo os associados (53,71%), não existe conflitos na associação, o que nos remete a concordância de que essa dimensão complementa a dimensão anterior, referente ao compartilhamento/colaboração entre (62%) dos associados.

Apesar dessa afirmação dos associados, de que não existe conflitos grupais, existe uma competição natural entre os agricultores a partir do momento em que vários deles oferecem constantemente os mesmos produtos aos mesmos clientes, o que os faz criar estratégias de comercialização, conquista e fidelização de clientes, o que, conseqüentemente gera a desconfiança do descumprimento de regras como a padronização de preços, por exemplo. Entretanto, segundo os entrevistados, essa competição é natural e não interfere no desenvolvimento das

atividades grupais da associação.

A esse respeito Bauman (2003) explica que, a cooperação embora faça parte de um processo de ação recíproca social entre indivíduos, com objetivos em comum, ainda assim é um processo que envolve pessoas com opiniões essencialmente diferentes, com a possibilidade de negociações difíceis com base em interesses e necessidades individuais. Todavia, o processo organizativo dessa associação é baseado em princípios de economia solidária e de práticas de cooperação, sobre as quais são construídas as estratégias da produção e comercialização coletiva de todos os produtos, conforme visto no resultado da maioria (62%) da dimensão compartilhamento/colaboração entre os membros e da maioria de discordância de conflitos (53,71%).

Liderança:

A dimensão liderança abordou a acessibilidade dos associados à coordenação da associação e o incentivo por parte da liderança quanto às práticas cooperativas e colaborativas entre os associados. Tais ações devem estar focadas na promoção do estabelecimento dos objetivos do grupo, melhoria da qualidade de interação entre os membros, na

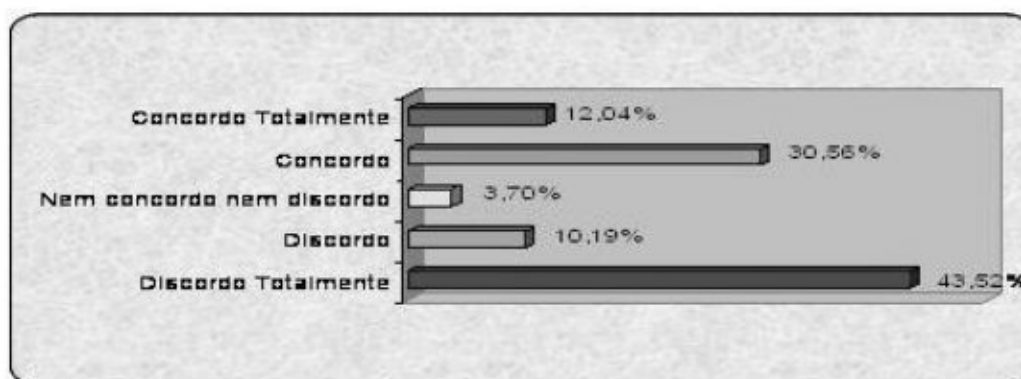


Gráfico 02: Distribuição percentual quanto aos conflitos

Fonte: Pesquisa direta na associação (2009)

coesão do grupo e no compartilhamento dos recursos disponíveis.

A grande maioria dos entrevistados (54,81%) concordam que há incentivo de práticas colaborativas e cooperativas por parte da liderança e (20,37%) concordam plenamente nesse incentivo, como demonstra o Gráfico 3. Por tais motivos, pode-se inferir que os entrevistados apóiam e acreditam na liderança da associação, onde afirmam que consideram os responsáveis capazes de se expressar plenamente a fim de obter a cooperação e o apoio de todos os membros, e consideram essencial e de extrema importância a sua presença para a realização de quaisquer atividades.

Nesse sentido, conforme mencionado na caracterização da associação, sua liderança está composta pela estrutura organizacional formal da associação, contendo uma coordenação executiva, uma coordenação ampliada e pela assembléia dos associados, que tem como finalidade ser um guia e facilitador do desenvolvimentos das ações da associação, sendo esta última, a representação máxima da entidade composta por todos os associados (líderes e membros).

A associação conta também com uma comissão

de ética, composta por cinco associados, que se responsabiliza por controlar a pontualidade dos participantes; fiscalizar o tipo e apresentação dos produtos; definir a disposição das barracas no local da feira e toda a organização do local; zelar pela higiene, manutenção da limpeza local, materiais e processos utilizados para embalagens, demais etapas relacionadas ao processo de comercialização; zelar pelos princípios das normas estabelecidas e respeito interpessoal.

Nesse sentido, para atender aos associados e contribuir para uma melhor cooperação e colaboração, a assembléia, sendo o órgão máximo da associação, se reúne periodicamente em dois momentos regulares: mensalmente, na primeira semana do mês e semanalmente, ao final de cada feira. Em suas sessões, são discutidos pontos, propostas e tomadas de decisões que irão contribuir para o desenvolvimento da associação, refletindo a credibilidade e confiabilidade dos líderes e satisfação dos membros associados.

Relacionamentos interpessoais:

Esta dimensão abordou, além dos relacionamentos em si, questões relacionadas a altruísmo, egoísmo, aceitação, inclusão e exclusão,

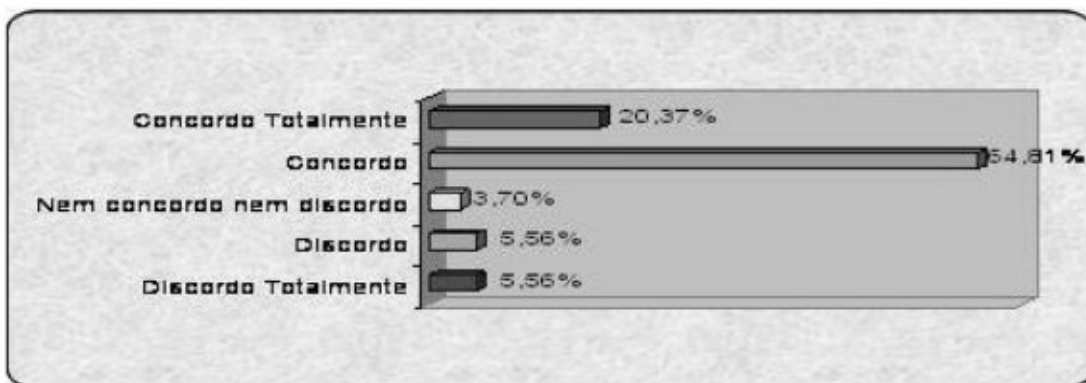


Gráfico 03: Distribuição percentual quanto à liderança

Fonte: Pesquisa direta na associação (2009)

Análise qualitativa das

bem-estar quanto à própria participação na associação, e sentimento de ameaça de perda de espaço. A maioria dos entrevistados (56,35%) concordaram e (23,81%) concordaram totalmente que as relações inter-pessoais são muito positivas, ou seja, a maioria se sente bem por participar da associação, se considera altruísta e considera seus relacionamentos tranquilos, totalizando um percentual de (80,16%) de concordância quanto à questão de bons relacionamentos entre os associados, como visualiza-se na Gráfico 4.

Esse resultado positivo complementa à dimensão anterior referente ao compartilhamento/colaboração entre os membros, quando demonstra uma relação altruísta, de cortesia, pacifismo, amizade e espírito de equipe em virtude de uma boa relação de cooperação e colaboração entre eles. No entanto, seja amistoso, afetivo ou profissional, qualquer relacionamento envolve expectativas, responsabilidades, decepções, vantagens, enfim, apenas o fato de envolver ao menos duas pessoas já faz desse envolvimento algo excepcional.

Vale salientar ainda que, foram verificados três tipos de relacionamentos que retratam aspectos relevantes para a compreensão da associação estudada: os relacionamentos familiares, os

relacionamentos com a comunidade e os relacionamentos na associação. Historicamente, o relacionamento familiar é à base das relações interpessoais na associação, apresentando como participantes: casais, irmãos, pais e filhos de uma mesma família, e pais e filhos representando núcleos familiares diferentes quando estes últimos já são chefes de suas próprias famílias.

As relações com a comunidade são promovidas pelos pequenos agricultores familiares associados na feira de produtos orgânicos, que buscam nessa produção, a diferenciação e agregação de valor aos seus produtos. E os relacionamentos na associação conforme visto, baseia-se em compartilhamento/colaboração entre os membros e em relações interpessoais bastantes positivas.

Dessa forma, conforme afirmam os associados nessa relação colaborativa, ambos os relacionamentos são satisfatórios, e de acordo com Piaget (1973), a cooperação caracteriza-se então, pela coordenação de pontos de vista diferentes, pelas operações de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, e pela existência de regras autônomas de condutas fundamentadas de respeito mútuo. Dessa forma, o equilíbrio atingido pelas trocas cooperativas toma

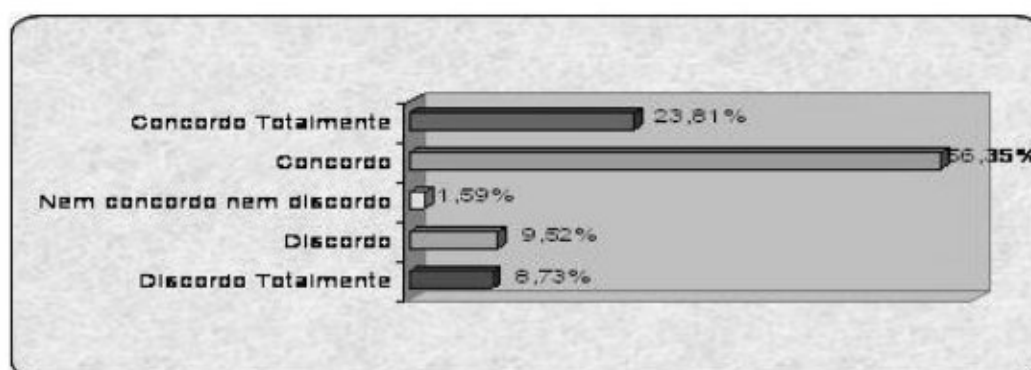


Gráfico 04: Distribuição percentual quanto aos relacionamentos interpessoais
Fonte: Pesquisa direta na associação (2009)

forma de um sistema de operações recíprocas. Assim, para que haja uma cooperação real, são necessários as seguintes condições: existência de uma escala comum de valores, conservação dessa escala e reciprocidade na interação. Essas três condições de equilíbrio só acontecem em certos tipos de troca, ou seja, na cooperação.

Equidade interorganizacional:

Quanto à equidade na associação, buscou-se identificar percepções de benefícios e privilégios para parte do grupo, ou situações de prejuízo para alguns em detrimento do benefício da maioria. Assim, (74,07%) discordam totalmente, manifestando-se por não acreditar em privilégios para parte do grupo ou indivíduos, sendo entendido pela maioria dos membros que a associação se baseia em valores cooperativos de ajuda mútua, equidade e solidariedade na busca de um melhor desenvolvimento da associação, como pode-se perceber pelo Gráfico 5. Mesmo que hajam aspectos negativos reais, a percepção da maioria dos associados não os considera, refletindo assim, não a realidade concreta, mas a realidade percebida, que transforma os possíveis desvios das convenções sociais locais em algo reconsiderável.

Segundo o que foi visto na literatura,

Montangero e Maurice-Naville (1998), afirmam que o conceito de cooperação de Piaget funda-se na equidade, como uma forma ideal de relações entre indivíduos; implica o respeito mútuo, o princípio de reciprocidade e a liberdade ou a autonomia de pessoas em interação. A cooperação é uma forma de equilíbrio, na qual o todo e as partes conservam-se mutuamente. É ideal no sentido de limite para cuja direção tendem as relações humanas livres de toda pressão exterior. Para Galego (2006), “a cooperação conduz à solidariedade, à autonomia e à idéia de justiça; no plano intelectual, permite o acesso à lógica. O indivíduo atinge a construção de normas por um ajustamento das interações”.

Nesse sentido, pode-se perceber que, o resultado dessa dimensão relaciona-se com as outras dimensões citadas no que se refere a um melhor compartilhamento/colaboração entre os membros, inexistência de conflitos, um papel decisivo por parte da liderança da associação quanto às práticas de cooperação, bons relacionamentos interpessoais entre os grupos numa ampla equidade interorganizacional embasada em valores de ajuda mútua, recíproca responsabilidade e igualdade. Todas estas dimensões analisadas de forma geral, visam motivar a participação e cooperação dos

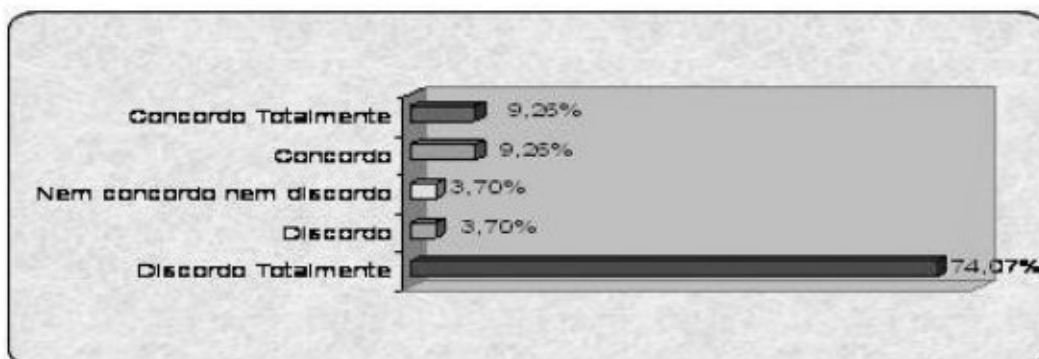


Gráfico 05: Distribuição percentual quanto à equidade interorganizacional

Fonte: Pesquisa direta na associação (2009)

associados, ao mesmo tempo em que possibilitam criar condições reais para um melhor desenvolvimento da associação estudada.

Considerações finais

As práticas de cooperação têm sido uma forma de colaboração pertinente na nossa sociedade. Apesar das várias teorias sobre a origem e as motivações das práticas de cooperação, elas não podem ser vistas como algo unicasais, de motivações simples e isoladas, mas como sendo fruto de um conjunto de elementos situacionais.

Nesse contexto, é possível perceber que na associação estudada, há o desenvolvimento de práticas de cooperação entre seus membros, que vão da cooperação na produção coletiva, até a construção de espaços de ajuda mútua e de trocas e compartilhamento de esforços, informações e recursos. Portanto, o objetivo de mostrar as práticas de cooperação desenvolvidas pelos membros da associação foi alcançado, na medida que a cooperação pela grande maioria, é vista como algo que se sobrepõem aos interesses, intenções e necessidades dos seus membros de forma individual, e reflete na construção da interação social, com objetivos comuns e ações compartilhadas, reafirmando o pensamento de Piaget (1973), que afirma que a cooperação caracteriza-se então, pela coordenação de pontos de vista diferentes, pelas operações de correspondência, reciprocidade ou complementaridade, e pela existência de regras autônomas de condutas fundamentadas de respeito mútuo.

Detalhando os resultados obtidos na pesquisa de campo, pode-se concluir um resultado satisfatório quanto às práticas de cooperação, já que a grande parte dos entrevistados demonstrou, dentro de suas percepções, que concorda que as práticas de cooperação são bem desenvolvidas na associação. Mesmo na dimensão de conflitos,

evidenciou-se que é possível a convivência simultânea de cooperação e competição em suas diversas manifestações. Com relação à dimensão liderança, verificou-se que há uma aceitação positiva por parte da maioria dos associados, em relação aos líderes, afirmando assim que os mesmos são facilitadores de um ambiente cooperativo. E por fim, as relações interpessoais também se manifestaram boas destacando três tipos de relacionamentos: o familiar, o com a comunidade e com a associação, e as relações de equidade foram manifestadas como sendo justas, sendo entendido pela maioria dos membros que a associação se baseia em valores cooperativos de ajuda mútua, equidade e solidariedade na busca de um melhor desenvolvimento da associação.

Portanto, os resultados fortalecem o fato de que o desempenho da associação agrícola é satisfatório e que seus membros demonstram a importância da associação no apoio ao desenvolvimento de sua produção agrícola, baseando-se em práticas de cooperação que contribuem para tornar mais eficiente os esforços do grupo. E a idéia de cooperação ocupa um lugar tão importante quanto à produção orgânica, sendo como um diretriz e método do processo organizativo como um todo.

Neste sentido, num contexto geral, as práticas de cooperação têm sido vistas, como uma saída para enfrentar e superar os problemas e dificuldades que os produtores atualmente enfrentam, contribuindo assim para o compartilhamento e colaboração de todos rumo a um objetivo em comum. Entretanto, vale salientar que os aspectos negativos reais existem, mas que são irrelevantes para o desenvolvimento das práticas de cooperação na associação, refletindo assim, na realidade percebida pelos associados.

Referências bibliográficas

ALENCAR, A. I.; SIQUEIRA, J. O.; YAMAMOTO, M. E. Does group size matter? Cheating and

- cooperation in Brazilian school children. **Evolution and Human Behavior**, n. 29, p. 42-48. Orlando, 2008.
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- BERGMÜLLER, et al. On the further integration of cooperative breeding and cooperation theory. **Behavioural Processes**, n. 76. p. 170-181. New York, 2007.
- BRUNI, L. **Comunhão e as novas palavras em economia**. São Paulo: Cidade Nova, 2005.
- COSTA, P. R. P. R.; FERREIRA, M. A. T. A interação e a cooperação como fontes de competitividade e aprendizagem na pequena e média indústria brasileira. **Perspect. cienc. Inf.** v. 5, n. 2, jul./dez. Belo Horizonte, 2000.
- CRAIG, J. G. **The nature of co-operation**. Black Rose Books: Montréal/New York/London, 1993.
- FRANTZ, W. Organização cooperativa – campo de educação e espaço de poder. **Perspectiva Econômica**, vol. 37, nº 119, Série Cooperativismo nº 52, p. 65-84. São Leopoldo: UNISINOS, 2002.
- _____. Razões do cooperativismo moderno. **O interior**, ano 32, nº 963. Porto Alegre: COOTRAEL – Cooperativa de Trabalhos Técnicos Especializados, março de 2006.
- GALLEGO, A. B. Adolescência e moralidade: o professor faz a diferença. Porto Alegre/RS, 166p. (Dissertação de Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- GRAY, B.; WOOD, J. Collaborative alliances: Moving from practice to Theory. **Applied Behavioral Science**, vol. 27, number 1 and 2, March/June, 1991.
- JESUS, P.; TIRIBA, L. Cooperação. In: CATTANI, A. D. (org.). **A outra economia**. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003.
- LÉVY, P. **A inteligência coletiva: Por uma antropologia do ciberespaço**. 2ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- LISBOA, J. B. Associativismo no campo: das relações em redes ao espaço da socialização política. In: MENEZES, A. V. C.; PINTO, J. E. S. S. (Org.) **Linhas geográficas**. Núcleo de Pós-Graduação/UFS. Aracaju, 2001.
- MANCUR, O. **The Logic of Collective Action**. Harvard University Press, 1965.
- MARIANI, S. Pequenos produtores de leite, modernização produtiva e cooperação: projetos associações comunitárias de resfriamento de leite da Cooperativa Agropecuária Petrópolis – PIÁ. São Leopoldo/RS, 2006. 163p. (Dissertação de mestrado em Ciências Sociais Aplicadas). Universidade do Vale do Rio dos Sinos.
- MONTEIRO, J. P. **Cooperação – Saiba o que é cooperatividade sistêmica**. Brasília: AED, 2002.
- MONTANGERO, J.; MAURICE-NAVILLE, D. **Piaget ou a inteligência em evolução**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1998.
- PIAGET, J. **Estudos Sociológicos**. Tradução de Reginaldo di Piero. Rio de Janeiro: Forense, 1973.
- TACCONI NETO, E. A. Fatores que afetam a competitividade na produção de hortaliças orgânicas no Estado do Rio Grande do Norte. Natal/RN, 89p. (Dissertação de mestrado em Engenharia de Produção). Universidade Federal do Rio Grande do Norte.
- THIOLLENT, M. J. M. O estudo da cooperação no âmbito da Engenharia de Produção. **XXVIII Encontro Nacional de Engenharia de Produção – ENEGEP**. Rio de Janeiro, 2008.